



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA E CONTROLE			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 1490/13	DATA: 24/09/2013	
LOCAL: Plenário 16 das Comissões	INÍCIO: 14h50min	TÉRMINO: 16h35min	PÁGINAS: 38

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO
JOSÉ MOISÉS MACHADO DA SILVA - Superintendente de Fiscalização dos Serviços de Eletricidade da Agência Nacional de Energia Elétrica - ANEEL. PAULO GOMES - Assessor da Diretoria de Planejamento e Programação do Operador Nacional do Sistema Elétrico - ONS. ROBÉSIO MACIEL DE SENA - Secretário-Adjunto de Energia Elétrica do Ministério de Minas e Energia.

SUMÁRIO
Debate sobre a matriz energética brasileira e as constantes notícias publicadas na mídia nacional sobre a possibilidade de o Brasil sofrer um apagão nas proximidades dos jogos da Copa do Mundo de 2014.

OBSERVAÇÕES
Houve exibição de imagens. Houve breves intervenções fora do microfone inaudíveis. Há expressão ininteligível.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Edinho Bez) - Sob a proteção de Deus e em nome do povo brasileiro, declaro abertos os trabalhos desta reunião de audiência pública, destinada a debater a matriz energética brasileira e as constantes notícias publicadas na mídia nacional sobre a possibilidade de o Brasil sofrer um apagão nas proximidades dos jogos da Copa do Mundo de 2014, objeto do Requerimento nº 426, de 2013, de autoria deste Presidente.

Convido para compor a Mesa o Sr. José Moisés Machado da Silva, Superintendente de Fiscalização dos Serviços de Eletricidade da Agência Nacional de Energia Elétrica — ANEEL; o Sr. Robésio Maciel de Sena, Secretário-Adjunto de Energia Elétrica, representando o Ministério de Minas e Energia; o Sr. Paulo Gomes, Assessor da Diretoria de Planejamento e Programação do Operador Nacional do Sistema Elétrico — ONS. *(Pausa.)*

Em nome de todos os membros desta Comissão, agradeço a presença aos senhores, que prontamente aceitaram o convite para comparecer e prestar os esclarecimentos necessários nesta reunião.

Só para prestar alguns esclarecimentos, ontem recebi ligação do Secretário-Executivo do Ministério de Minas e Energia, Márcio Zimmermann, que relatou as atividades do Ministério e disse também que estaria aqui muito bem representado pelo seu representante. Da mesma forma, a ANEEL enviou representante, por conta de um lapso nosso, mais meu, pois é a segunda vez que marquei a reunião para uma terça-feira, e às terças-feiras a ANEEL tem reunião da Diretoria. Prometo, Rita, que das próximas vezes que envolver convite à ANEEL — até comentei com o Márcio Zimmermann ontem —, nós não faremos mais reunião nas terças-feiras, mas nas quartas-feiras ou quintas-feiras ou a combinar.

Antes de prestar esclarecimentos sobre o funcionamento da reunião, quero dizer que estamos com várias reuniões neste momento aqui na Casa, o Presidente da Casa e os Líderes estão propondo mudanças na pauta de votação de hoje, por isso teremos a ausência de alguns Parlamentares. Lembro que a nossa audiência pública é transmitida para todo o País, através da *TV Câmara* e de outros veículos de comunicação desta Casa. É normal, costumeiro, concedermos entrevista 1, 2, 3 dias após as audiências públicas. Os Deputados interessados recorrerão à gravação, ao DVD. Então, é como se eles estivessem presentes. A diferença é que



não terão oportunidade de indagá-los, de fazer perguntas. Mas, no decorrer da reunião, com certeza, alguns Parlamentares chegarão.

Quero fazer os seguintes esclarecimentos, de acordo com o Regimento Interno da Casa. O tempo reservado para cada convidado é de 20 minutos, prorrogáveis, não podendo ser aparteado. Cada Deputado inscrito para interpelações poderá fazê-lo por 3 minutos. O convidado terá igual tempo para responder, facultadas a réplica e a tréplica, no mesmo prazo.

Convido o primeiro expositor o Sr. José Moisés Machado da Silva, Superintendente de Fiscalização dos Serviços de Eletricidade da Agência Nacional de Energia Elétrica — ANEEL.

Antes de sua exposição, registro a presença de um dos grandes vereadores do meu Município, Tubarão, o Edson Firmino, Vereador de três mandatos. É uma honra recebê-lo nesta Casa. S.Exa. estará à disposição. Até depois das manifestações — nós temos a Tractebel colada na cidade de Tubarão, em Capivari de Baixo —, S.Exa. também poderá fazer algumas perguntas, se assim desejar.

Com a palavra o Sr. José Moisés Machado da Silva.

O SR. JOSÉ MOISÉS MACHADO DA SILVA - Deputado Edinho Bez, muito obrigado pelo convite. É a segunda vez que venho a esta Comissão.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. JOSÉ MOISÉS MACHADO DA SILVA - A esta e a outras Comissões eu tenho vindo bastante.

Dr. Roberto, Dr. Paulo Gomes, senhores, eu não preparei uma apresentação. Pretendo só fazer um relato de alguns pontos que acho importantes sobre o assunto, entendendo que o tema é a preocupação com o atendimento à Copa do Mundo e em função de nós termos tido, no sistema elétrico, algumas ocorrências de grande porte.

Então, quero começar esclarecendo um pouco sobre qual é o nível de segurança planejado para a rede básica do sistema nacional que atende o Brasil, o Sistema Interligado Nacional.

O Sistema Interligado Nacional é preparado, é planejado e é operado para, na perda de qualquer elemento, não ter qualquer interrupção de energia. Para isso ele é preparado.



Alguns casos em que o ONS identifica a possibilidade de perda simultânea de dois elementos: o planejamento e a operação. Isso é tratado como a perda de dois elementos que não podem dar interrupção. Mas aí são alguns pontos do sistema. O sistema é planejado para perder um elemento e não ocorrer nada.

Então, temos tido alguns blecautes, os quais, por favor, não devemos confundir com problema energético, racionamento. Não é essa a questão. Tem-se problema no sistema de transmissão, que desinterliga o sistema e faz com que haja desligamento de carga. Isso não pode ser confundido com problema energético, que não há, e também devemos separar um pouco isso das questões associadas ao atendimento das capitais-sedes da Copa do Mundo.

As várias ocorrências de 2012 que preocupam — também tivemos uma grande em 2011 e outra em 2009 — deram-se devido à perda simultânea de vários elementos na rede. Isso levou à interrupção em regiões, em menor ou maior escala. O Nordeste sofreu com algumas dessas interrupções. Tivemos também aqui em Brasília um problema que desligou duas vezes boa parte da Capital, o que posso até explicar. Já fizemos ações para mudar isso.

Mas estamos falando de eventos múltiplos que contam com alguma outra falha associada, além de um elemento da rede sair. Por exemplo, uma chuva com descarga atmosférica, uma queimada ou qualquer outra questão. Houve uma segunda falha que levou à perda de um segundo elemento, e o sistema teve cortes de cargas e interrupções de fornecimento maiores. Por isso que sempre é dito tanto pelo Ministério como pela ANEEL quanto pela Presidência que o sistema é robusto, é feito para aguentar contingências. O que não pode ocorrer é que haja outras falhas associadas.

Para a Copa do Mundo, foi formado um grupo de trabalho, que depois meus companheiros podem relatar, se for o caso, coordenado pelo Ministério, que envolvia o ONS, a EPE e a ANEEL. Esse grupo de trabalho procurou ver o que era necessário para a segurança adicional. Foi definido um elenco de obras de transmissão, e essas obras entraram num processo de licitação ou de autorização, conforme o caso, para entrarem em operação. Isso para dar confiabilidade ainda maior àquelas capitais que sediarão a Copa do Mundo. Isso não tem a ver exatamente com as interligações, com as questões de grandes ocorrências no



sistema elétrico; tem a ver com o atendimento mais reforçado para atender as capitais onde vai haver jogos da Copa do Mundo.

Também, na distribuição, a ANEEL chamou as distribuidoras, e elas listaram as obras importantes a serem feitas. Essas obras também estão sendo elaboradas. O Dr. Roberto depois vai dar uma explicação bastante extensa do acompanhamento que o Ministério faz desse assunto.

A ANEEL tem feito o acompanhamento de todas as obras de transmissão que são planejadas, sejam aquelas específicas para a Copa do Mundo, sejam para as demais. Nós temos um sistema de informação mensal atualizada sobre todas as obras de transmissão. E fazemos fiscalizações daquelas que nos parecem mais críticas. Neste ano, já fizemos 24 fiscalizações de obras, o que dá algo em torno de 70 obras fiscalizadas.

Nós temos feito fiscalização também nas instalações mais importantes do País, para ver as condições de atendimento. Nós estamos fiscalizando todas as ocorrências que houve desde 2009 — todas as importantes são fiscalizadas. Além de participarmos, com o ONS, da elaboração de um relatório que é feito com os agentes para analisar a perturbação — chama-se RAP —, nós fazemos as fiscalizações específicas.

Temos fiscalizado todas as ocorrências, e daí saíram várias ações e recomendações da ANEEL. A primeira foi uma recomendação para o ONS, na verdade, uma determinação, para rever a recomposição da Região Nordeste. O ONS já fez isso, e, nessa última ocorrência, o Nordeste teve um ganho significativo no tempo de recomposição. Já solicitamos que os ajustes do sistema de corte de carga para evitar ocorrências de grande monta no Nordeste seja revisto, e o ONS está fazendo isso. Já fez uma primeira etapa do trabalho — o Paulo Gomes pode falar — e a segunda etapa está em andamento. Já solicitamos ao ONS que revisitasse os intercâmbios *versus* as reservas girantes na Região Nordeste.

Também, em relatório de fiscalização, solicitamos, por causa das duas ocorrências que houve na rede de 138 kV, aqui em Brasília, em que se percebeu que, embora o ONS não costume entrar nesse nível de rede, aqui em Brasília era importante... Estava havendo um problema de operação entre Furnas e CEB, o ONS assumiu e agora está sob controle. Nós tivemos duas ocorrências em Brasília, em



2011, por conta dessa questão da operação do sistema. O ONS assumiu a coordenação dessa operação, e não tivemos mais problema desde então.

Em complementação a uma iniciativa do Ministério, que criou um grupo de trabalho, para que se revisitassem todas as proteções das principais instalações do País, foi feito um grupo de trabalho de emergência que visitou algumas instalações, porque tem sido observado que algumas proteções não estavam atuando adequadamente. O Ministério fez uma primeira ação, e a ANEEL regulamentou para que isso fosse feito em todas as 450 instalações da rede básica. Isso está em andamento. O trabalho se iniciou há 3 meses e há o plano de que, em 18 meses, todas as instalações tenham sido visitadas pelas empresas com auditor externo, as proteções analisadas e todas as recomendações que decorrem disso enviadas ao ONS, que está controlando, no sistema, as pendências e as ações, acompanhando isso. E a gente, na ANEEL, também recebe esse relatório.

Então, o sistema de proteção aqui foi um ponto frágil durante um tempo. Nós estamos atacando isso, o conjunto das empresas, e o Ministério já fez um primeiro trabalho. Nós estamos continuando esse trabalho para evitar que tenhamos desligamentos múltiplos por falhas no sistema de proteção ou para minimizar isso.

Nós solicitamos também que o ONS fizesse o levantamento de todos os pontos críticos do sistema e se havia ações de alteração de arranjo ou outras imediatas. O ONS fez esse trabalho, e foi montado um grupo que continua a discutir essas ações e o que isso vai gerar de alterações no sistema. Solicitamos também que o ONS fizesse teste dos principais sistemas especiais de proteção que existem no sistema elétrico, no Sistema Interligado Nacional, trabalho que está em andamento.

Determinamos, em função da última ocorrência, o que já é obrigação da empresa e que já fazemos regularmente: limpeza de faixa. Determinamos a todas as transmissoras uma intensificação dessa limpeza, considerando o período de secas. Estamos fazendo revisão de procedimentos de redes e de algumas resoluções da ANEEL, para melhorar alguns aspectos observados nessas ocorrências.

Fiscalizamos já 50% das obras de transmissão — acompanhamos todas, mas fiscalizamos 50% das obras específicas de transmissão para a Copa — e fazemos um acompanhamento trimestral das obras das distribuidoras para atender a Copa. O



Ministério faz um trabalho ainda mais detalhado sobre isso, e o Dr. Robésio vai explicar.

O que eu queria dizer é que os grandes apagões são indesejáveis. Eles ocorrem, mas são muito indesejáveis e servem de lição para a gente fazer algumas ações. Então, várias ações têm sido tomadas pelo Ministério, pelo ONS e pela ANEEL no sentido de minimizar essas ocorrências.

Finalmente, eu queria dizer que os sistemas elétricos estão preparados para atender a Copa do Mundo. O que nós estamos falando é de seguranças adicionais que estão sendo implementadas, para que a gente transcorra durante a Copa com o mínimo de perturbação possível.

Estou à disposição, Deputado, para quaisquer perguntas.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Edinho Bez) - Parabenizo V.Sa. pela exposição.

Depois de ouvir o último expositor, abriremos o debate.

Passamos a palavra ao Sr. Paulo Gomes, Assessor da Diretoria de Planejamento e Programação, representando o Operador Nacional do Sistema Elétrico — ONS.

Houve um entendimento entre nós sobre a ordem dos palestrantes falarem.

V.Sa. dispõe da palavra por até 20 minutos. Se entender necessário, é possível prorrogar esse tempo.

O SR. PAULO GOMES - Obrigado, Deputado Edinho.

Dr. Moisés, Dr. Robésio, a nossa ideia é comentar aqui alguma coisa do processo, do trabalho do ONS, vamos dizer assim, no sentido de trabalhar da melhor forma possível, a fim de evitarmos qualquer desligamento de carga e grandes ocorrências no sistema.

Na realidade, quando nós fazemos a operação no ONS, podemos pensar que o ONS trabalha de três maneiras. Uma, ele determina todas as condições do sistema para a operação normal, para o dia a dia normal. Então, isso tem um conjunto de regras e aquilo é feito de forma mais detalhada para minimizar ocorrências e para tornar a operação com os melhores preços, reduzindo, inclusive, a geração térmica, que é a geração mais cara.



Existem duas outras condições que o ONS se debruça em detalhe. Uma que chamamos de condições de emergência, quando há um distúrbio muito grande, um curto-circuito, uma queimada que desliga várias linhas. Então, temos que preparar o sistema para esse tipo de distúrbio, para evitar um blecaute de grandes proporções. A outra, vamos detalhá-la mais aqui, está associada ao que eu chamo de condições especiais de operação. São condições distintas do dia a dia, mas que requerem cuidados especiais. Normalmente, essas condições especiais duram uma janela temporal: alguns dias, algumas horas ou um pequeno período. Então, como a duração desses eventos é pequena, podemos trabalhar no sentido de colocar o sistema da melhor maneira possível, para minimizar todo e qualquer tipo de problema.

Podemos caracterizar essas condições especiais. Por exemplo, as grandes mobilizações de pessoas: festas de fim de ano — Copacabana fica com milhões de pessoas —, e carnaval. Mas há também outros eventos: as grandes novelas. O pessoal para pra ver o último capítulo da novela. Quando termina a novela, sai todo mundo acendendo tudo que é luz. A carga dá um pico, ela sabe de uma forma muito repentina. Quanto à Copa do Mundo, se o Brasil estiver disputando o jogo na final, vai ter que ter um tratamento totalmente especial.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Edinho Bez) - Diferenciado.

O SR. PAULO GOMES - Diferenciado.

Todo mundo para pra ver o jogo. Quando chega a casa, cada um liga o seu interruptor, a geladeira, o ar, em intervalos diferentes. Mas quando há o jogo, não. Acabou o jogo, o juiz dá o apito final, que é o sinal para todo mundo sair, seja no intervalo, seja no final, para tomar uma água, por exemplo. Há uma variação muito grande. Então, essa é uma operação totalmente distinta das operações normais. E temos que trabalhar isso.

Outro evento também muito importante é quando há algo localizado. Eu me lembro, na década de 80, por aí, durante a tarde, de que houve uma grande greve em São Paulo. Então, a carga do sistema em São Paulo, que é a maior do Brasil, ficou toda desligada. Isso causou uma redistribuição de fluxo. O sistema ficou totalmente diferente do que é no dia a dia. Por exemplo, um feriado na cidade de São Paulo cria situações muito distintas. Então, para essas situações, o ONS



trabalha de forma bem detalhada para minimizar o risco, porque as situações variam muito.

Agora, nós temos — o Moisés citou aqui — esses grupos que estão trabalhando para a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Eles estão olhando. Mas está chegando o momento, e eu digo que existem obras que não vão ficar prontas. Sabemos que algumas não vão ficar prontas, outras temos dúvida e outras vão estar prontas. Então, eu já tenho condições agora — o ONS com os agentes — de detalhar bastante o ano que vem, porque a Copa está logo aí, são alguns meses, julho passa rápido.

Como nós trabalhamos? Começamos lá atrás com ações prévias. Temos o Plano de Ampliações e Reforços, que olha 3 anos à frente, temos o Plano da Operação Elétrica, que olha um ano e meio à frente, que está saindo neste mês. Depois, temos os estudos normais e temos esses grupos. Por exemplo, GT Copa, coordenado pelo Ministério, ANEEL, ONS, EPE, todos os agentes. E vem todo mundo trabalhando em sequência. Qual é a ideia? Trabalharmos agora o sistema para que, naquela janela temporal em que ocorrem os eventos, ele seja o melhor possível.

Então, se nós olharmos, temos dois eventos que aconteceram bem recentemente: a Copa das Confederações e a Jornada Mundial da Juventude. Foram feitos dois trabalhos muito específicos — quem quiser, o ONS tem o relatório sobre isso — que prepararam o sistema para esses eventos, no sentido de não haver nenhum tipo de problemas. Então, esse mesmo tipo de procedimento nós vamos adotar para a Copa do Mundo, no ano que vem, e para as Olimpíadas.

Eu vou comentar aqui algumas coisas que nós fazemos, a fim de que os senhores tenham ideia de como preparamos o sistema para minimizar riscos. As ações, vamos dizer assim, são de ordem preventiva e corretiva, mas trabalhamos muito de forma preventiva. Então, fazemos tudo o que podemos de forma preventiva para naquele período ter a máxima segurança.

O ONS não trabalha sozinho. O ONS opera o sistema, mas nós temos os agentes de geração, transmissão e distribuição. Então, nós temos um elo. Para isso funcionar bem, todos esses elos, toda essa cadeia tem que funcionar bonitinho.



Olhamos o sistema de transmissão — como disse o Moisés — até a rede básica, que é atribuição do ONS, até o 230 kV. Aí entram as empresas de distribuição.

Então, uma atuação conjunta com as empresas de distribuição para que o consumidor final ou o estádio que está ao final possa ter o seu suprimento da forma mais confiável possível. Inclusive, por mais que se faça — batemos até na madeira para não ocorrer —, pode ocorrer algum problema.

O que se faz? São feitos exercícios de simulação com todo o pessoal da operação, seja da geração, seja da transmissão e até da distribuição, para treinar o pessoal — treinamento em computador, teste simulado e também na prática — para que, no caso de haver algum problema, o pessoal esteja treinado. Porque se pode ter recurso para muita coisa, mas se não treiná-lo e for usá-lo, na hora, às vezes, alguma coisa sai errado. Então, faz-se aquilo ali, repete-se para, se eventualmente acontecer alguma coisa, a turma estar afiadinha, preparadinha, sem problema nenhum. E isso aí nós fizemos para a Copa das Confederações e estamos começando agora a detalhar para a Copa do Mundo, no ano que vem.

Vou comentar aqui sobre os estudos rotineiros do ONS para esses tipos de situações especiais. Primeiro, nas cidades onde vai haver jogos, fazemos uma análise detalhada do suprimento dos estádios, desde a rede de transmissão, que vem das usinas, até chegar aos estádios. Chamamos as distribuidoras. Não adianta nós nos preocuparmos com a rede básica e, depois, ocorrer uma falha na subtransmissão. Toda a cadeia tem que funcionar de forma harmoniosa.

Como o Moisés disse aqui, em algumas áreas temos geração térmica. *“Como é que eu vou usar essa geração térmica para melhorar o atendimento naquela área ali?”* Isso é feito, e damos todas as condições, a melhor forma de utilizar toda a geração local, todo o sistema local.

Inclusive, às vezes, pode-se ter alguns consumidores que têm, vamos dizer assim, geração própria para usá-la numa eventualidade. Então, isso tudo é feito de forma trabalhada.

Outra coisa: o sistema de transmissão, por exemplo, no Rio de Janeiro, em Brasília ou em São Paulo, tem troncos para atender a carga. Se se perder aquele tronco de transmissão, pode haver um problema. Qual é a forma de minimizar o problema? É reduzir o fluxo no tronco de transmissão. Se o fluxo estiver baixinho, a



perda daquele tronco de transmissão pode, vamos dizer assim, ser suportada sem contingência ao sistema. Então, trabalhamos nisso aí.

O que temos? Não podemos nos limitar — por exemplo, se eu estiver no Rio de Janeiro, em Salvador ou em Porto Alegre — a simplesmente olhar aquilo ali, porque pode haver uma interligação regional muito forte, grande, entre as Regiões Sul e Sudeste, Norte e Nordeste, Norte e Sul. Se se perder aquilo ali, pode afetar uma área muito grande e até várias cidades onde haverá jogos.

O que iremos fazer durante o período dos jogos? Antes dos jogos, durante os jogos e um pouco após os jogos, algumas horas antes, 10 horas, 12 horas, vamos trabalhar com essas interligações regionais o mais seguramente possível. Quer dizer, redespachar o sistema, fazer o que chamamos de um despacho seguro, colocando o despacho num nível que as interligações, em vez de estarem com 4 mil megawatts, fiquem com 2 mil megawatts. Se houver uma queimada e desligar, qual é a consequência para o sistema? Nenhuma, porque eu preparei previamente o sistema.

Nós temos que fazer o seguinte: o ONS, ao longo do tempo, tem se capacitado cada vez mais para ter todas as condições ambientais nos centros de controle. Então, os centros de controle do ONS têm as condições de chuva, de vento, de intensidade de chuva, de queimadas, de descargas atmosféricas. Com isso, o NOS, sabendo o que está acontecendo, pode redespachar o sistema e colocá-lo sempre num ponto mais seguro de operação.

Uma coisa muito importante: nós temos 115 mil quilômetros de linha no sistema interligado, acima de 230 kV. Então, todos os dias, os agentes proprietários — o ONS não é proprietário das instalações, ele opera — solicitam serviços programados, mas que são necessários de fazer para a integridade dos equipamentos. O que ocorre? Às vezes, temos 10, 20, 30 solicitações simultâneas. O que fazemos? Chamamos o pessoal e dizemos: *“Olhe, vamos fazer o seguinte: nestas janelas aqui, nós não vamos desligar nada”*. Então, quem quiser fazer os serviços de desligamento, fará antes ou depois, mas naquelas janelas não fazemos desligamento programado. Com isso, garante-se a robustez do sistema.

Hoje, com a tecnologia que evoluiu e até por questões econômicas, há várias subestações teleassistidas, tudo é teleassistido. Mas nas situações especiais,



algumas subestações que chamamos de estratégicas, aquelas que têm uma importância muito grande na operação do sistema, pedimos às empresas que coloquem lá um operador. Então, naquele momento, haverá lá um operador. Se der um problema na teleassistência, o operador estará lá; ela não vai falhar mesmo.

A própria equipe do ONS — ele tem uma equipe de operação e de pós-operação nos centros de controle — é toda reforçada nesses períodos. Sempre trabalhamos com mais pessoas em todas as nossas fases na parte de operação.

Outra ação muito importante: quanto à equipe de meteorologia, cada vez mais as condições ambientais estão mudando, no mundo todo. Há uma equipe de plantão o tempo todo avaliando as condições meteorológicas. Na chegada de um vento forte, na chegada de uma frente fria, prepara-se o sistema para reduzir os riscos.

No começo do evento, há uma equipe que monitora *full time*, continuamente, tudo aquilo ali, hora a hora, dia a dia. No final do dia, é sempre feita uma análise pela equipe do ONS de tudo o que ocorreu, anotando o que deu certo e, eventualmente, se deu algum problema. Sempre olhando para o dia seguinte: se é preciso fazer algum reajuste, alguma coisa, de tal forma que o período fique todo coberto. A carga é algo que depende muito do consumidor, não depende de nós. Então, ela é acompanhada passo a passo. E ao final do evento? Fazemos um relatório sobre tudo, com as lições aprendidas, que usaremos no evento seguinte.

Esse é um processo continuado que fazemos, sempre no sentido de, durante um grande evento, durante alguma coisa em que os holofotes estão virados para o setor, garantir uma segurança adicional que minimize ao máximo os riscos. Se possível, tolerância zero para defeito. Se houver defeito, temos que atuar o mais rápido possível para saná-lo. Esse é um trabalho continuado, esse é um trabalho que o ONS vem fazendo.

Temos um levantamento, que acho bastante interessante, que chamamos de “os blecautes que não ocorreram”. São situações de grande risco, perturbações muito grandes, que, através dessas ações preventivas feitas, o sistema conseguiu suportar.

Assim, às vezes, se diz: “*Você sabe que saiu a subestação toda de Bauru às 18 horas?*” Poucos sabem que saiu a subestação de Bauru toda, os dez circuitos, às 18 horas. Por quê? Porque foi feita uma série de coisas que possibilitou isso.



Então, Deputado, a nossa ideia foi trazer isso aqui para mostrar que, quanto ao receio de que haja problemas durante o evento, tudo é feito e tudo está sendo feito para que os riscos sejam minimizados ao máximo. Alguns tipos de operação eu não poderia adotar por 6 meses seguidos, mas, durante 1 ou 2 dias, eu posso adotá-los, o que dá uma segurança maior. Em 6 meses, eu posso esvaziar um reservatório e com otimização energética. Agora, durante 1 dia, 2 dias, algumas horas, eu posso adotar uma operação diferente e maximizar a segurança elétrica, reduzindo risco.

Esse é o trabalho que estamos fazendo. Posso garantir aos senhores que, para a Copa do Mundo, o ONS está se empenhando e, se depender do Operador, a segurança é total.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Edinho Bez) - Muito bem! Parabenizo V.Sa. pela exposição.

Passo a palavra ao Sr. Robésio Maciel de Sena, Secretário-Adjunto de Energia Elétrica, representando o Ministério de Minas e Energia.

Antes, gostaria de registrar a presença do Sr. Ludovino, Prefeito de Lebon Régis, em Santa Catarina.

Sr. Robésio, V.Sa. tem a palavra.

O SR. ROBÉSIO MACIEL DE SENA - Boa tarde a todos!

Eu cumprimento o Deputado Edinho Bez, Presidente da Comissão; o Dr. Moisés Machado, da ANEEL; o Dr. Paulo Gomes, do NOS, e todos os presentes.

Primeiramente, Deputado, eu agradeço, em nome do Ministério, a oportunidade. O objetivo, a justificativa do requerimento é muito importante, ou seja, de tranquilizar a nossa população e os promotores dos eventos com relação ao atendimento do setor elétrico. Então, é a oportunidade que a gente tem de, mais uma vez, dizer à população, neste fórum nesta Câmara, que fique tranquila porque vamos reafirmar o que a ANEEL e o ONS já apresentaram aqui.

O nosso sistema, Deputado, é muito complexo. Como o Paulo Gomes comentou, ele tem cerca de 115 mil quilômetros de linha e 124 mil de megawatts de geração instalada. Na matriz, ele tem diversas fontes, sendo que cerca de 68% é hidráulica. E os 29% térmicos são ligados na medida em que se tem mais ou menos



água nos reservatórios. Até agosto, a gente tinha cerca de 76% do atendimento na matriz com geração hidráulica. Em anos que chove mais, usa-se mais a hidroeletricidade; em anos que chove menos, usa-se menos a hidroeletricidade.

A expansão do sistema tem todo um planejamento feito com leilões com 3 anos ou 5 anos de antecedência e alguns reajustes com 1 ano de antecedência. Isso garante que o sistema seja totalmente atendido sem nenhuma preocupação.

O Dr. Moisés apresentou toda a questão das ocorrências, os blecautes, que, no popular, viraram apagões. Então, ele demonstrou que a ANEEL tem fiscalizado de forma efetiva e tem tomado ações bastante importantes para poder coibir novos eventos. São ações contínuas da ANEEL. O ONS, por sua vez, opera o sistema de forma bastante tranquila, tem uma experiência muito grande e o domínio total da operação do sistema.

Então, nós vamos excluindo essa hipótese. Quer dizer, não vemos possibilidade de ter nenhum tipo de dificuldade de fornecimento de energia, não somente para a Copa, mas também para qualquer evento. O Ministro tem dito isso em todos os fóruns. Há um Comitê de Monitoramento que faz esse trabalho mês a mês e toma as medidas necessárias com bastante antecedência. Então, esse risco não existe.

Nós vamos nos ater à questão da preparação para os grandes eventos, que foi a palestra que fizemos, e vamos demonstrar todo o trabalho que o Ministério vem fazendo para dar mais tranquilidade ainda a esses grandes eventos.

(Segue-se exibição de imagens.)

Na primeira tela, a gente demonstra como foi instituído esse grupo de trabalho. Essa Portaria do Ministério nº 760 criou, em 2010 — 4 anos antes da Copa —, esse grupo de trabalho para poder preparar todas as ações para a Copa. Então, foram constituídas duas forças-tarefas, uma coordenada pelo ONS e outra pela EPE, divididas nas cidades-sedes, que estão mostradas ali na apresentação. Foram discutidas com todos os agentes, distribuidores, geradores, transmissores, com a ANEEL, com o ONS, com a EPE as ações necessárias para dar tranquilidade ao evento.



Esse relatório foi aprovado em janeiro de 2012, pelo Comitê, que avaliou e aprovou todo o relatório. E foi revisado em julho de 2013, com as alterações que porventura ocorreram nesse tempo.

Estão aí as principais conclusões desse grupo de trabalho. Primeiro, o mais importante: o requisito FIFA está totalmente atendido. Quer dizer, o requisito FIFA, nós vamos mostrar mais à frente, são aquelas duas alimentações independentes para os estádios, de subestações diferentes. Então, em todas as 12 cidades-sedes, os requisitos vão ser atendidos sem nenhum problema.

Como eu disse, a expansão do sistema é planejada pela EPE e pelo ONS e, em tempo hábil, indica todas as obras de transmissão necessárias para continuar atendendo esse sistema. No caso das distribuidoras, cada empresa distribuidora indicou — elas que conhecem o sistema — as obras que julgava necessárias para ter um atendimento adequado na Copa. A ANEEL, então, avaliou essas obras e, através do Despacho/ANEEL nº 4.106, indicou que as distribuidoras teriam que fazer essas obras. Passou a fazê-lo de forma excepcional, porque ela não faz isso na distribuição, o acompanhamento e a fiscalização dessas obras, já que as próprias distribuidoras indicaram que eram obras importantes.

Outro critério importante adotado nesses eventos é a questão do critério adicional. Quer dizer, como o Dr. Moisés comentou, hoje, em qualquer perda de qualquer elemento do sistema, tem-se o “n” menos um, tem-se outra fonte supridora. Para a Copa, nós fizemos um critério mais extenso ainda, um critério adicional para perder até dois elementos.

Essa Resolução do Comitê nº 01, de 2005, justamente estabeleceu o que o Dr. Paulo Gomes apresentou. Quer dizer, para cada grande evento, o ONS tem que preparar um trabalho prévio, com todas as ações que ele citou e submetê-lo ao Comitê para aprovação. Essas ações, por conseguinte, são efetivadas durante o evento.

É importante citar que, antes de cada evento desses, normalmente o Ministro coordena uma reunião no Ministério, com a participação dos principais agentes, para dar uma passada geral e, assim, não haver nenhuma dúvida.



Na sequência, a gente apresenta todas as reuniões e inspeções que nós já fizemos em todas as 12 cidades-sedes. Existe um extenso elenco de trabalho realizado pelo Ministério, visando garantir a execução das obras.

Deputado, ali há uma relação de todos os trabalhos de visita às 12 cidades-sedes e inspeções das obras realizadas pelo Ministério. Além disso, realizamos aqui em Brasília seis reuniões plenárias, coordenadas pelo Secretário de Energia, das quais todos os agentes participaram e houve uma avaliação geral, indicando os problemas e as soluções que poderiam acontecer.

Além disso, é importante frisar as demais ações de monitoramento que o Ministério implementa. Para as obras de transmissão e geração, aquelas obras outorgadas, nós fazemos um acompanhamento mensal, com a participação da ANEEL, do ONS, da EPE, da CCE, em que avaliamos todo o andamento das obras.

As obras do programa de melhoria de instalações sistêmicas, que são aquelas pequenas obras — pequenas, mas importantes — das transmissoras, também são acompanhadas periodicamente pelo Ministério. No caso das obras das distribuidoras, como comentamos, a ANEEL faz um acompanhamento trimestral, e nós fazemos as reuniões com a ANEEL a cada 3 meses, para ver o andamento dessas obras. Além disso, é importante frisar as (*ininteligível*) situações do PAC. O Ministério do Planejamento coordena reuniões periódicas que envolvem todos os órgãos da esfera federal: IBAMA, CMBio, FUNAI, INCRA, IPHAN. Todos aqueles óbices e dificuldades apresentados são debatidos nesse fórum e encontram soluções para se evitar o atraso das obras.

Eu vou falar rapidamente sobre o atendimento aos requisitos FIFA dos estádios. Para cada capital, tem-se, à disposição dos equipamentos para a Copa, a responsabilidade do gerador, do dono do estádio e a responsabilidade da transmissão. A FIFA exige, além da linha que vem da rede elétrica externa, geradores próprios e unidades que vão garantir 100% do atendimento ao estádio.

Agora vamos ver o que acontece em cada estágio. No Rio de Janeiro, existem três alimentações distintas, já concluídas. Como já foi realizada a Copa das Confederações, elas já estão em funcionamento. Em Salvador, já está concluído o processo — são duas subestações diferentes. Fortaleza, *idem*, porque também já foi realizada a Copa das Confederações. Recife, *idem*. Em Belo Horizonte, está sendo



feita uma melhoria, já havia duas alimentações, e ele está concluindo um alimentador expresso, que vai melhorar ainda mais o atendimento no Mineirão, que vai ficar com três alimentações. Em Brasília, apesar de na Copa das Confederações ter havido duas alimentações independentes, ele vai criar uma grande melhoria, porque está construindo uma subestação, que está praticamente pronta, do lado do estádio. De lá, vai sair uma das alimentações para o estádio, que é a subestação do Estádio Nacional. Em Cuiabá, a mesma coisa: um já está concluído, e o outro vai ficar pronto em dezembro. Em Curitiba, está previsto que as duas alimentações fiquem prontas em dezembro. Em Manaus, as duas alimentações também vão ficar prontas em novembro. Em Natal e São Paulo, também em dezembro. Porto Alegre é a única cidade onde está prevista a conclusão do segundo alimentador em março, mas também sem nenhum risco para a conclusão da segunda alimentação.

A subestação que eles estão construindo, a subestação Menino Deus, fica ao lado do estádio. Eles importaram um equipamento, uma subestação blindada. Essa subestação está chegando agora, no final do ano. Eu estive lá recentemente, no final do mês de agosto. As obras estão em pleno andamento. Estão trabalhando em ritmo tranquilo. Não haverá problema com relação a Menino Deus.

Deputado, no que diz respeito à parte da Copa, fizemos o nosso relato.

Com relação às Olimpíadas de 2016, também foi instituído pelo Ministério, por meio da Portaria nº 379, esse grupo de trabalho, que está fazendo um trabalho parecido com o da Copa. É mais voltado para a cidade do Rio de Janeiro e para aquelas cidades onde vai haver jogos de futebol durante as Olimpíadas.

Esse grupo está realizando estudos, tem essas atribuições. Menciono a descrição da topologia atual do sistema do Rio de Janeiro, a descrição das obras já previstas para entrar até 2016, a análise do desempenho do sistema elétrico de suprimento da cidade do Rio de Janeiro, o que vai ser necessário para ampliação e reforço no caso das Olimpíadas de 2016, a elaboração de um plano de ação para acompanhar e controlar essas obras.

Nós já fizemos três reuniões plenárias em Brasília, no período de julho do ano passado até agosto deste ano, e já tivemos dez reuniões da força-tarefa do ONS no período de setembro a agosto.



Algumas conclusões técnicas do trabalho. A expansão do sistema de transmissão, conforme planejada nos processos regulares pela EPE e pelo ONS, é suficiente para atender as exigências do COI e os principais requisitos que o COI indica — a redundância N-1, como já temos hoje, só que com caminhos independentes. Então, lá, não vai haver problema. O atendimento de, no mínimo, duas subestações de extra e alta tensão — também será igual ao da Copa, não haverá nenhum problema —, e nível de redundância N-2 na infraestrutura de equipamentos. É nisso que estamos trabalhando.

As grandes obras previstas para o Rio de Janeiro para as Olimpíadas são as que já estão planejadas. Não vai haver coisa nova. Esses estádios de futebol, todos os locais onde haverá eventos esportivos vão ser atendidos por duas subestações distintas, da Light, no Rio de Janeiro. Então, não vai ter nenhum tipo de problema.

As principais obras para atendimento ao requisito FIFA. Para o Parque Olímpico, há uma primeira alimentação, Parque Olímpico. A segunda alimentação vai ser subterrânea, em circuitos simples de 18kVAs, com cerca de 10 quilômetros. Vai sair da SE-2, uma SE olímpica, de 138 e 13,8, de três vezes 40MVA, uma linha de distribuição 138, circuito duplo, de 4 quilômetros, a partir da Subestação de Jacarepaguá. Para o atendimento ao Cluster Deodoro, seriam dois circuitos simples de 13,8kVAs, a partir da SE Guadalupe, e esses dois circuitos simples de 13,8kVAs, a partir da SE Padre Miguel.

As próximas etapas. Esse relatório que está sendo concluído agora vai ser submetido também ao Comitê, provavelmente na outra reunião, para aprovação do Comitê. Vamos realizar, nos moldes do que estamos fazendo em relação à Copa, o monitoramento de todas as obras.

A elaboração dos planos operativos. É o que Paulo Gomes apresentou. Vai ser feito também para as Olimpíadas.

Basicamente, era isso. Dessa maneira, tentamos tranquilizar o Deputado e a população, no sentido de que não teremos risco nenhum durante esses grandes eventos.

Obrigado pela atenção.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Edinho Bez) - Agradecemos a exposição do Sr. Robésio Maciel de Sena, Secretário-Adjunto de Energia Elétrica, que aqui representa o Ministério de Minas e Energia.

Acaba de chegar o Deputado Carlos Magno. Pergunto a S.Exa. se gostaria de se manifestar.

O SR. DEPUTADO CARLOS MAGNO - Gostaria de cumprimentar nosso Presidente, o Deputado Edinho Bez, pela preocupação com os expositores e dizer que nós vivemos num país maravilha. No meu Estado, estão sendo construídas duas hidrelétricas, a de Santo Antônio e a de Jirau. Vão gerar energia para manter o fornecimento no restante do País, sem risco de apagões.

Essa FIFA é muito poderosa. Lá, no Estado, existem cidades inteiras dependendo de investimentos para interligar o sistema, e não conseguem recursos por parte do Ministério nem da ELETROBRAS. Para se ter uma ideia, está sendo produzida energia sem que o linhão esteja ainda concluído. Então, certamente estão pagando energia sem aproveitamento. E cidades inteiras no Estado enfrentam problemas de energia. É péssima a qualidade da energia. Já a FIFA é muito poderosa, porque, aqui, trabalha em cima. Quando se questiona, em audiências públicas, o Ministério, depara-se com a falta de recursos, com a dificuldade de planejamento e programação. Falam em 2015, 2016, e que se lasque o cidadão brasileiro. A FIFA, contudo, além de exigir a qualidade de energia, tem o poder de determinar o prazo para se cumprir isso com segurança.

Eu gosto muito de futebol, mas sou contra essa Copa do Mundo no Brasil. O País, com tantas dificuldades — e sou da base do Governo —, com tantas diferenças, está gastando bilhões de reais! Por mais que se diga que há financiamento, há que se ressaltar que é um banco que sobrevive com o imposto do cidadão brasileiro.

Mas eu acho que foi satisfatório o convite que foi feito para tratarmos desse assunto.

Eu falo até como cidadão que sofre as consequências. Por exemplo, eu passei o Natal às escuras na minha cidade, Ouro Preto do Oeste, em Rondônia, que depende de uma interligação de rede, cuja execução, graças a Deus, conseguimos tirar de 2014 e trazer para 2013.



O tema é palpitante. Discute-se muito, releva-se muito essa questão da realização da Copa. Que bom seria se, em relação às obras de que o Brasil depende no que se refere à logística de transporte, logística de armazenamento, BRs, ferrovias, fosse dado o mesmo tratamento que se deu para a Copa do Mundo, abrindo-se exceções e outras coisas mais! Por isso eu sou contra, apesar de ser apaixonado por futebol e pelo meu Cruzeiro, e não é porque está na frente da tabela, não...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Edinho Bez) - Deixou o meu Botafogo para trás. E o Bahia ainda ajuda o Cruzeiro...

O SR. DEPUTADO CARLOS MAGNO - Justamente.

Eu já sofri muito em relação a esses temas, Sr. Presidente, e eu gostaria de ter informações sobre esse investimento todo que está sendo feito, essa garantia toda que está se dando à FIFA quanto a não faltar energia. Seria um desastre total, um caos faltar energia num estádio lotado durante um jogo de futebol. Não é só questão de transmissão, é questão de segurança também. Eu acho que há uma série de detalhes que dá essa garantia.

Esse dinheiro também está sendo captado na mesma fonte da construção dos estádios? Ele faz parte disso ou é um investimento do Ministério de Minas e Energia e da ELETROBRAS? Enfim, de onde está surgindo esse dinheiro, esse financiamento para essa construção e a garantia dessa energia de qualidade, com segurança, nos estádios que realizarão a Copa do Mundo?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Edinho Bez) - Agradecemos a participação do Deputado Carlos Magno, que é membro atuante desta Comissão, está sempre presente. Inclusive, na última audiência pública, fez uma excelente interpretação.

Antes das respostas, vamos ouvir todos. Depois passaremos à outra fase, de acordo com o Regimento Interno.

Registro a presença do nosso empresário Aloísio Sobral, do Rio de Janeiro, que nos deu esta oportunidade, e também do Roland, que nos assiste aqui na área de inspeção de portos e vias navegáveis, da Comissão Mista, da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, sobre a infraestrutura nacional.



Eu gostaria de me manifestar sobre o requerimento. Eu vou lê-lo rapidamente, para que tenhamos uma ideia dos motivos da convocação, que é muito mais abrangente, não se refere só à Copa do Mundo.

Lemos nos jornais e escutamos em rádios informações sobre possíveis apagões doravante. Inclusive apresentei, antes de o Papa vir ao Brasil, proposição sobre o tema. Isso não diz respeito só à Copa do Mundo, mas a tudo. Por exemplo, há empresas que têm desconfiança quanto a se instalarem no Brasil. Em Santa Catarina, algumas empresas desistiram. Exigiam que a CELESC e principalmente as cooperativas de eletrificação rural assinassem um compromisso de garantia de energia por 20 anos. Os presidentes de cooperativas, que não são tão *experts* no tema, ficaram preocupados com isso, por uma série de razões. Minha última leitura sobre isso foi por meio do jornal *O Globo*, que falava de apagões. Nada melhor nesta Casa, Deputado Carlos Magno, do que a nossa Comissão de Fiscalização Financeira e Controle para tratar do tema, considerando as ações e iniciativas do Governo Federal.

Vou ler rapidamente o requerimento:

“Sr. Presidente, nos termos do art. 58, § 2º, II, da Constituição Federal e dos arts. 24, III, 255 a 258 do Regimento Interno, requeiro a V.Exa. que, ouvido o Plenário, sejam convidados o Ministério de Minas e Energia e a Agência Nacional de Energia Elétrica — ANEEL, para, em audiência pública, debater a matriz energética brasileira e as constantes notícias publicadas na mídia nacional sobre a possibilidade de o Brasil sofrer um apagão nas proximidades dos jogos da Copa do Mundo de 2014.

JUSTIFICAÇÃO

Na qualidade de membro da Comissão de Minas e Energia por mais de 16 anos, venho acompanhando de perto a valorização de todas as alternativas energéticas (...)



Interrompo a leitura para dizer que aprendi isso nas discussões nesses 16 anos, na convivência com o Ministério de Minas e Energia, também em contatos com a ANEEL, com o meu Estado, no caso da CELESC, das cooperativas de eletrificação rural, ainda como participante assíduo de reuniões na Organização das Cooperativas Brasileiras — OCB. Fizemos esse acompanhamento e chegamos à seguinte conclusão: o Brasil, assim como outros países, não tem condições de abrir mão de nenhuma alternativa energética, exatamente para não correr o risco de lhe faltar energia. Cada uma tem a sua característica. Temos a eólica, temos também a que depende 90% de São Pedro, temos as térmicas. Com o avanço tecnológico, é possível explorarmos todas sem prejudicar muito o meio ambiente.

Retomo a leitura:

“(...) Na qualidade de membro da Comissão de Minas e Energia por mais de 16 anos, venho acompanhando de perto a valorização de todas as alternativas energéticas e, hoje, na condição de Presidente da Comissão de Fiscalização Financeira e Controle da Câmara dos Deputados, estou” — estou, não, estamos, porque foi unanimidade esse assunto na nossa Comissão — “preocupado com as notícias sobre o setor energético, e este requerimento, para realização dessa audiência pública, tem como objetivo esclarecer as medidas que” — foram esclarecidas aqui, não completamente, mas já estou satisfeito — “porventura estejam sendo tomadas para resolver uma eventual crise energética.

Assim sendo, nossa intenção é oportunizar ao Governo Federal, através do Ministério de Minas e Energia e também da agência reguladora, a ANEEL, forma de tranquilizar a nossa população e os promotores dos megaeventos que ocorrerão no Brasil, tendo em vista, inclusive, que o Brasil vem enfrentando inúmeras dificuldades para preparar-se para sediar os jogos da



Copa do Mundo FIFA 2014. E a maior demonstração disso são os gargalos do setor aéreo, seja na situação dos nossos aeroportos, seja nas condições de voos e preços das tarifas aéreas nacionais. Agora, aliado a esses problemas, o setor energético também vem apresentando uma série de deficiências, com apagões sistemáticos pelo Brasil afora” — lembro que este requerimento é do mês de abril —, “dando sinais de que também poderá ser mais um entrave para a realização dos eventos que se avizinham, como a Copa das Confederações, a Copa do Mundo, a Jornada Mundial da Juventude” (já ocorreu) “e os Jogos Olímpicos de 2016.

Segundo a Agência Nacional de Energia Elétrica — ANEEL, 48% dos 6.149 megawatts referentes a projetos de geração de energia previstos para o ano que vem enfrentam impedimentos para entrar em operação. Na área de transmissão, 4.191 quilômetros de linhas para 2014” — aqui os senhores disseram que nós temos 115 mil quilômetros, confesso que estou em dúvida, gostaria que depois explicassem essa interpretação — “estão com o cronograma atrasado. Dos 80 principais projetos do País previstos para o período de 2013 a 2015, 53, ou 66%, estão com atrasos. Há problemas, ainda, na distribuição. Além disso, 27% das obras consideradas obrigatórias nas 12 cidades que vão sediar os jogos não serão concluídas no prazo previsto” — os senhores acabaram de explicar isso aqui. “Algumas contam com previsão de término para depois da Copa.

Nessa linha, o jornal O Globo do dia 8 de abril de 2013 alerta que o atraso em obras vai dobrar o risco de racionamento. Alerta ainda que, quanto às linhas de transmissão, das 80 principais obras em andamento até



2015, 53 extrapolam o prazo previsto. Ou seja, 66% do total. O jornal diz ainda que, a pouco mais de 1 ano do início da Copa do Mundo, atrasos em série em obras de geração e transmissão de energia elétrica elevam os riscos de racionamento para até 9% no próximo ano, quase o dobro da média histórica do setor, de 5%. Nas cidades-sede do Mundial, 27% das obras consideradas prioritárias estão atrasadas, e há casos até de projetos que só ficarão prontos depois dos jogos. Na área de geração, o problema é ainda maior em usinas eólicas e térmicas de biomassa e carvão mineral, que sofrem também com a falta de linhas de transmissão.”

Tenho outras observações a fazer. Eu presido esta Comissão, e a minha cultura, a minha maneira de ser, o meu caráter é de conciliador, não é de confusão. Esse é o meu jeito, dentro dos limites. Quando aprovamos os requerimentos e fazemos os convites, têm os expositores grande oportunidade de prestar esclarecimentos e tirar dúvidas. É nosso papel, e também o dos senhores, oferecer esclarecimentos.

Muitos vieram aqui — o Deputado Carlos Magno sabe disso. Quando são aprovados requerimentos, pessoas me ligam e vêm conversar comigo preocupadas. Não há razão para se preocupar. Encarem isso como uma oportunidade para também cobrarem de nós, se tivermos que mudar a legislação, se tivermos que fazer algumas alterações, como está ocorrendo momentaneamente com as operadoras de telefonia fixa e celular. As operadoras também vêm enfrentando problemas com as Prefeituras, que levam até 1 ano para dizer se concedem a licença ou não para instalação de antenas para amenizar o problema da telefonia celular. Encarem isso, portanto, como uma oportunidade.

Perguntam qual é o risco de um possível apagão. Os senhores já falaram sobre isso aqui, mas acho importante que repitam. Quais as providências? No caso da Copa do Mundo, os senhores declararam que há geradores. Esses geradores funcionam automaticamente? Não há um interstício, um hiato, quando falta energia no momento do jogo? Se houver um problema energético, eles são acionados



rapidamente? Eu visitei a África do Sul neste ano com integrantes da área de esporte e da comissão da Copa do Mundo de 2014. Vi três grandes geradores preparados para isso. Gostaria de saber se aqui eles realmente funcionarão automaticamente.

Em Santa Catarina, eu já expliquei, perdemos a instalação de várias empresas porque não pudemos garantir fornecimento de energia elétrica. Os senhores disseram aqui que há 115 mil quilômetros de linha. Esse total se refere ao Brasil?

Gostei muito também da finalização. Segurança elétrica é feita de forma contínua. No ONS sempre haverá algo a aperfeiçoar, porque não se estoca energia, não é? Realmente é um trabalho contínuo e de muita responsabilidade para todos nós.

Concedo a palavra ao Vereador de Tubarão aqui presente, Edson Firmino, que dispõe de 3 minutos.

O SR. EDSON FIRMINO - Ao cumprimentar o Presidente da Comissão, cumprimento todos da Mesa.

Vou falar rapidamente. Primeiro, uma sugestão. O Deputado fez uma pergunta, como Presidente da Comissão, sobre a questão da segurança no caso de uma queda de energia. Quer saber se o sistema com gerador próprio é acionado automaticamente. Ele perguntou se haveria um intervalo ou se teria o gerador que ser ligado. Isso é importante de ser esclarecido. Gostaria de fazer uma sugestão, sobre o que vou chamar de *marketing* de segurança para a população: que se faça esse teste com os geradores em partidas de futebol que vão ser realizadas nesses estádios. Seriam avisados com antecedência.

Eu acredito que, com isso, vocês vão fazer um *marketing* nacional, vão tornar isso público e vão passar uma segurança maior a todas as pessoas que forem utilizar os estádios. Vejo isso como uma ideia muito interessante de ser praticada e levo essa sugestão ao Ministério, à ANEEL e a todos os envolvidos. Acredito que fazer um teste durante partidas de futebol que antecedam à Copa vai ser uma medida muito interessante de *marketing*, que vai acabar tomando a mídia nacional e vai ser produtivo para todo o sistema e para tudo o que for implantado e oferecer isso ao Brasil e aos brasileiros.



Como o Deputado acabou falando da questão que nós temos em relação à Tractebel, eu diria que a Tractebel é uma empresa modelo na nossa região. Mas gostaria de fazer uma pergunta, até como defensor. Sou um pouco sempre polêmico, é a minha característica. Hoje, as usinas térmicas, pelo menos as que eu conheço, não retêm o gás que é produzido, o SO_3 . Ele sai pelas chaminés. Corrijam-me, se for o caso, porque são mais técnicos que eu. Em contato com a umidade, gera o H_2SO_4 , que é o ácido sulfúrico. Com isso, é tomada a medida de precaução por dispersão. Seria tanto por metro quadrado, por metro cúbico, alguma coisa nesse sentido. Existem até propostas para que usinas tenham o dessulfurizador, que força a passagem do gás por dentro da água. Com isso, em médio prazo, tem-se até um resultado financeiro positivo.

Não sei quem de vocês estaria apto a nos responder sobre isso. Mas se fala de dispersão, se há ou não. Vou agradecer se puderem depois nos encaminhar essa informação. Trata-se de saber se levam em consideração as correntes de ar. Promover a dispersão, e não levar em consideração as correntes de ar... Quando existe uma corrente de ar, concentra-se todo o gás que passa por aquele ponto.

Agora, uma reivindicação: que se discuta a questão dos *royalties*. A minha cidade, por exemplo, fica ao lado, no limite com a cidade que hoje tem a usina termelétrica. E foi desmembrada da minha cidade, já que, originalmente, a ELETROSUL, que pertencia a Tubarão, virou depois Tractebel. Só que nós recebemos 70% do gás produzido, vai na direção da nossa cidade, e nós não temos nenhum retorno em termos econômicos quanto a isso.

Se os senhores puderem falar algo a esse respeito, seria interessante.

Obrigado, Deputado. Parabéns pela intervenção!

Parabenizo também o Deputado Carlos Magno, porque a preocupação de S.Exa. é pertinente. Precisamos dar atenção a alguns lugares, e não tem sido dada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Edinho Bez) - Fica a critério dos três expositores a ordem para a resposta.

O SR. PAULO GOMES - O senhor falou algo muito importante em relação aos equipamentos que estão lá, esses geradores. Normalmente, quando se colocam esses geradores — isso já foi feito até para a Copa das Confederações —, eles ficam em *stand-by*. Quer dizer, ficam ligados, e, se houver algum problema, a



comutação é automática, imperceptível ao olho humano. Então, quem está no estádio ou quem está em casa não percebe absolutamente nada. E uma bateria de testes é feita antes, para garantir que, na hora em que eles forem exigidos, estarão lá para agir. Os senhores podem ficar tranquilos no que diz respeito aos testes.

Outra coisa que foi comentada aqui eu gostaria de salientar. O nobre Deputado falou dos 115 mil quilômetros da rede básica no nosso sistema. Para que se tenha ideia, se pegarmos o nosso sistema no mapa e o levantarmos, conseguimos colocá-lo em cima de toda a Europa. Ele vai de Lisboa até Moscou. A distância da Usina de Itaipu até a Usina de Tucuruí é a distância de Lisboa a Moscou. Então, é interessante. O nosso sistema é todo interligado. E sabemos pela mídia que houve problema de abastecimento em Portugal, que houve dois problemas na Áustria, que ocorreu um problema na Suíça, que aconteceram quatro problemas na Holanda, dois não sei onde. Quer dizer, há uma pulverização, fala-se por segmento. É a mesma coisa de dizer que houve um problema no Pará, houve um problema em Santa Catarina, houve um problema em Rondônia, terra do nobre Deputado. Falamos do Brasil como um todo.

Para fazermos a comparação, temos que comparar o número de problemas que houve no Brasil com o número de problemas que houve na Europa, porque são áreas de tamanho semelhante. Se fizermos a comparação de forma diferente, parece que a coisa está muito ruim. Não! Se forem considerados o número de problemas que houve no Brasil e o número de problemas que houve na Europa, a visão será totalmente diferente.

O senhor falou a respeito das usinas em Rondônia. Os maiores problemas que tivemos em Rondônia foram os ambientais. Esse tipo de problema hoje não é só nosso, do Brasil, é um problema que ocorre no mundo todo. Temos os linhões de 230kV. A segunda linha, de 2005, 2006, entrou em operação em fevereiro. O terceiro circuito, de 230kV, que interliga Rondônia ao resto do sistema, estava previsto para entrar em operação em 2006. Ainda não entrou. Deve entrar no segundo semestre do ano que vem.

Esses problemas ambientais, essa demora para se conseguir a licença, isso muitas vezes atrasa a resolução do problema. Às vezes, há uma usina pronta, mas não tem linha. Mas não é esse o problema. Nem que o sujeito queira construir a



linha, não pode, porque ele não tem a licença. Portanto, o problema ambiental hoje traz entraves. Isso não é só aqui, não. Na Europa a empresa está levando, em média, 7 anos para conseguir a licença para a construção de uma linha. A área ambiental está com uma força muito grande, e isso cria problema para todas as outras áreas.

O linhão está pronto desde agosto. O que está faltando é que, para ligar a linha de corrente contínua, que vai até São Paulo, é preciso um número mínimo de máquinas no complexo de Santo Antônio e Jirau. Está previsto para 1º de outubro o início dos testes para se ligar o linhão.

Se Deus quiser, com o número de máquinas que, vamos dizer assim, é grande, no início de 2014 já estaremos com potência alocada em Santo Antônio e Jirau.

O SR. DEPUTADO CARLOS MAGNO - Paulo, eu poderia dar uma opinião? Eu acho que, com Rondônia, dava para consertar todos os erros que se poderia cometer em outras construções. Dali, poderíamos tirar diversas lições.

Por exemplo, essa questão ambiental. É difícil construir. Eu tentei acompanhar isso, contratei, por intermédio do meu gabinete, uma consultoria técnica para eu conhecer o problema. O problema todo é o seguinte: elaborar um EIA-RIMA, um projeto de impacto ambiental para construção de uma usina dessas. Hoje, com a tecnologia que existe, esse tipo de construção causa muito menos dano do que causava no passado. Os lagos, principalmente, são muito menores. É muito complexo.

Eu tive acesso a uma parte desse projeto. São quase 15 mil páginas de elaboração do EIA-RIMA, e se tem que buscar lá dentro. Aí se vai às compensações sociais e ambientais. A forma de relação entre os consórcios, as empresas, o Governo do Estado e as Prefeituras Municipais não pode ser a mesma que houve em Rondônia. Uma coisa é estabelecer uma compensação social comprando-se um veículo, construindo-se uma sala de aula. Em 3 anos, o veículo se acabou. No caso em análise, há outros problemas. E o impacto social? E a questão da segurança? Deslocaram para lá praticamente 50 mil trabalhadores. Desses 50 mil, muitos vão ficar lá. Transtornos foram causados.



Quando se considera a questão ambiental, pior ainda! Há um fundo da Amazônia que pega esse dinheiro e investe nos órgãos ambientais. Você vai buscar, e não consegue ter acesso a esse recurso, por causa da forma de relacionamento entre os órgãos.

Institucionalmente, é muito ruim o que foi feito com o Estado de Rondônia. Quer-se resolver o problema de uma gestão administrativa. Não é assim. O impacto ocorre por longos anos.

Ademais, quando se busca a contratação de consultoria, por exemplo, em diversas áreas, quando se vai ver, está tudo contratado, tudo pago, tudo executado, e não se pode questionar, porque a consultoria está ali, o projeto está ali. Como é que se vai cuidar da fauna com uma espécie de coadorzinho para pegar paca no meio de uns galhos de árvore daqueles? Não se consegue capturar um animal desses.

Foram coisas que aconteceram. As desapropriações, por exemplo. Desapropria-se a terra de um cidadão, como em Rondônia, num projeto de assentamento. Os outros que não foram atingidos crescem o olho no financeiro. Para ele não serve outra terra. Se lhe for dada a terra prontinha, plantada, só para colher, ele não quer; ele quer o dinheiro, porque cresceu o seu olho em cima da desapropriação. Às vezes, as próprias empresas erram nisso, promovendo desapropriações absurdas para resolver logo o problema, para adiantar o processo.

A questão do linhão. É natural. Se, no início do projeto, o interessado solicita licença ambiental para construção de um empreendimento desses, automaticamente tem que entrar com um pedido para construção do linhão. Como é que pode?

A questão indígena, por exemplo. A produção de energia elétrica no País é tão importante que não podemos conviver dessa maneira. Temos que ter alternativa para isso. Nós estamos discutindo aqui a demarcação de novas áreas indígenas, a ampliação de áreas indígenas, que está levando o índio a viver em condição subumana, a morrer de doença, de fome, a viver de cesta básica. Poucos índios estão ganhando dinheiro com essa história. Menciono as organizações não governamentais.

Foi dito que se gastam 7 anos na Europa para se conseguir a licença. Essa é uma novidade para mim. Lá se diz o seguinte: *“Vamos fazer energia, vamos garantir*



energia para o desenvolvimento”. Esse é o capitalismo que está lá, gente! Vão atropelar tudo! Eles fizeram isso com os índios deles, fizeram isso com o meio ambiente deles, fizeram isso com a fauna, com a flora, com tudo, e nós estamos pagando o preço.

Quando se pensa em causar algum impacto ambiental na Amazônia... Está lá o gás de Urucu. São 500 quilômetros para que chegue a Rondônia. Vá falar num gasoduto desses, que é a solução, representa grande parte da energia barata para nós lá. Vá falar em gasoduto lá. Ninguém consegue uma licença ambiental, não hoje.

Então, quanto mais se protela, mais difícil vai ficando, com essa legislação que nós estamos fazendo. E o Brasil, cada vez mais, precisa de energia de qualidade, de garantia de fornecimento de energia. Essa é a situação que nós vivemos hoje. Se pegássemos como experiência os gargalos da construção daquelas duas unidades em Rondônia, talvez no Pará não houvesse tantos problemas como os que estamos enfrentando ainda hoje. E poderemos enfrentar mais ainda, com a proposta de construção de novas hidrelétricas, haja vista que temos potencialidade para produzir mais energia, pois a natureza nos deu essa condição no Estado de Rondônia e na Região Amazônica.

É isto o que me preocupa, é isto o que às vezes causa revolta na gente: ver as coisas erradas acontecendo, e permanecer no erro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Edinho Bez) - A palavra está à disposição dos nossos convidados, para a resposta.

O SR. ROBÉSIO MACIEL DE SENA - O senhor fez relação com os investimentos para a Copa. É importante dizer que a quase totalidade dos investimentos no setor elétrico já são investimentos normais, como eu falei. É feito um planejamento de geração e de transmissão nas regiões, e são construídas as linhas baseadas nos estudos da EPE e do ONS. Essas linhas também, as subestações, vão a leilão, e os empreendedores executam essas obras.

Se considerarmos os investimentos para o setor elétrico, veremos que o que é específico para a Copa é uma alimentação adicional para o estádio — é algo muito pequeno — e algum investimento para esse critério adicional, que foi feito em uma ou outra capital. É um investimento muito pequeno, que é da distribuidora. Quanto



ao montante, não houve grandes investimentos. O setor elétrico não teve que fazer nada de anormal, de grande monta para atender à Copa. Isso é importante dizer. Com a Copa ou sem a Copa, aqueles investimentos iriam ocorrer.

Em relação ao que o Deputado Edinho Bez mencionou sobre o risco de apagão, o Dr. Moisés já disse, há todas as medidas de fiscalização que a ANEEL toma e as medidas adotadas pelo Comitê. Queremos tranquilizá-los quanto a isso. O risco de haver uma ocorrência existe. Temos o critério N-1. Se perdermos dois elementos, poderá haver um desligamento de grande monta. Mas esse é um risco muito pequeno, não é, Moisés?

O Vereador fez a pergunta sobre as correntes de ar. Eu realmente não sou especialista no tema, mas isso tudo é fiscalizado pelos órgãos ambientais estaduais ou pelo IBAMA, se o caso for de ordem nacional. O IBAMA está até revendo isso naquelas usinas antigas lá. Foi feito um termo de ajuste para Candiota, onde está sendo realizada a modernização das instalações, e projetos novos estão seguindo a legislação.

Então, se isso existe lá, é porque está dentro da regulamentação ou vai ser alterado, caso esteja causando algum impacto. Nós do Ministério não acompanhamos isso.

Com relação às perguntas, eu só queria fazer um último comentário. Na Europa e nos Estados Unidos, os grandes investimentos foram feitos no passado. Na Europa, o crescimento é muito pequeno. O crescimento agora é no Brasil, na Índia, na China. As grandes obras estão sendo feitas aqui, no País.

Este é um debate que tem de ser realizado nesta Casa. O que quer a população? Quer maior rigidez ambiental? Quer cuidar melhor da questão indígena ou quer acelerar o processo de licenciamento? Nós executamos o que a legislação determina. O Governo Federal faz um esforço muito grande junto a todos os órgãos — IBAMA, IPHAN — para tentar equacionar essas questões.

Às vezes, critica-se muito o órgão ambiental, mas ele tem que seguir a legislação. Se ele não cumpre a legislação, aparece o Ministério Público e uma série de entidades que cobram dele.



Dentro do possível, nós fazemos o melhor para o País, mas nem sempre conseguimos realizar o atendimento. Isso, de forma alguma, está causando transtorno ao setor elétrico.

No caso das regiões que, infelizmente, ainda não têm atendimento de qualidade, como as cidades que o senhor citou, por exemplo, Ouro Preto do Oeste e outras localidades da Amazônia, o Ministério tem feito um trabalho nessa direção, atua com o Luz para Todos, tenta levar energia de forma alternativa. Agora foram idealizados leilões para atender o sistema isolado, foi criada a cobertura da CCC para essas localidades, o que antes não existia.

Portanto, a tendência é atender, mas o nível de investimento é muito alto. Assim, tem que ser na medida do possível. O senhor é testemunha de que está sendo feito um esforço muito grande nesse sentido.

Espero ter respondido às questões que foram apresentadas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Edinho Bez) - Com a palavra o Vereador Edson Firmino, já que o nosso expositor concluiu.

O SR. EDSON FIRMINO - A preocupação quanto àquilo que eu falei é que existe essa questão da corrente de ar. Eu não tenho essa informação que o senhor indicou. Mas o que preocupa — eu faço uma sugestão à própria ANEEL e ao órgão fiscalizador — é que hoje quem faz o controle da qualidade do ar, no caso, é a própria empresa.

É óbvio que respeitamos a idoneidade da empresa, mas não é coerente que a própria empresa faça o controle da qualidade do ar.

Aproveitando a oportunidade, ofereço essa sugestão, para enriquecer o debate. Que possam estabelecer encaminhamentos que melhorem a qualidade! Não se trata de nada radical, mas de algo que vá no sentido de encaminhar uma melhora, por meio das discussões no próprio Ministério.

Isto nos preocupa: quem gera é que está elaborando os relatórios de controle ambiental. Fica um pouco complicado.

Então, eu só sugeriria isso.

Muito obrigado.

O SR. ROBÉSIO MACIEL DE SENA - Eu gostaria de fazer um esclarecimento ao Vereador. O empreendedor gera essa informação, mas ela é



fiscalizada pelo IBAMA, ou pelo órgão estadual de meio ambiente. Ele define parâmetros de medição e faz esse acompanhamento. Então, ele não pode, de forma alguma, sob risco de ser penalizado, dar uma informação inadequada.

O equipamento que ele instala é monitorado, a medição é monitorada, mas ele é que tem que medir. Ele é o dono da instalação, mas, com certeza, é monitorado. Se ele sai dos parâmetros, é penalizado, com certeza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Edinho Bez) - Eu gostaria de fazer, com a aquiescência dos nossos convidados, o registro da presença do nosso ilustre amigo Frank Aguiar, que foi Deputado Federal. Tivemos aqui o privilégio de conhecê-lo melhor. É uma pessoa de fácil convivência. É um grande músico brasileiro e atual Vice-Prefeito de São Bernardo do Campo.

Mando-lhe meu abraço. Seja bem-vindo!

Provavelmente, a partir de 2015, nós o teremos aqui, já que será candidato a Deputado Federal. Ele filiou-se ao PMDB.

Seja bem-vindo a esta Casa, que sempre foi sua e continuará sendo! Obrigado por me permitir usufruir da sua amizade.

O SR. JOSÉ MOISÉS MACHADO DA SILVA - Primeiro, queria fazer apenas uma complementação sobre o que o Robésio já falou. Sobre o risco de apagão, nós temos o critério n-1 só quando você tem vários elementos. Mas, para eventos como a Copa do Mundo, foram definidas obras adicionais, que seriam feitas regularmente, mas foram antecipadas. E uma boa parte dessas obras entrará em operação, ou já entrou. O ONS vai fazer despachos específicos, como o Paulo Gomes explicou, para que a segurança seja aumentada. Então, durante um evento como a Copa, nós não trabalhamos com risco normal, nós trabalhamos com risco bem menor. Então, ao contrário do que já vi noticiado na imprensa de que o risco vai aumentar, o risco vai diminuir para o evento da Copa do Mundo, e diminuir bastante.

O Deputado Edinho Bez falou muito e escreveu também sobre o atraso de obras, e tem razão sobre esse assunto. Os motivos de atraso de obras são conhecidos. Em parte ocorrem em função da dificuldade de licenciamento ambiental, e também na própria gestão da empresa, onde temos encontrado falhas.

Com relação ao número colocado é verdade também: 64% das obras de transmissão do País estão em atraso. E os motivos são aqueles que nós temos



discutido: a enorme dificuldade de licenciamento ambiental; a questão fundiária; e também a gestão da empresa. Tem falhas na gestão da empresa. Nas nossas fiscalizações temos observado isso.

O atraso das obras previstas para a Copa é menor: em torno de 45% das obras foram antecipadas para a Copa. Mas nenhuma delas aumenta o risco atual. Ao contrário, o risco atual está diminuindo com as obras que estão sendo feitas e todo o resto será devidamente estudado pelo ONS para ver os intercâmbios que se coloca nas linhas, o que se despacha internamente, para que a segurança seja a maior possível — o ONS estudou isso para as capitais —, e minimizar o risco de blecautes em regiões. Então, na verdade, nós teremos risco menor para a Copa.

Com relação à distribuição, o relatório da ANEEL é um pouco rigoroso. A gente coloca que as obras estão atrasadas, atrasadas, mas estão atrasadas em relação ao cronograma que a distribuidora se comprometeu com a gente, que era início de 2013. Na verdade, até a Copa do Mundo, a grande maioria das obras ou já está concluída ou será concluída. Mas nós temos problemas, sim, de algumas obras atrasadas, o que não quer dizer que vamos ter falta de abastecimento. Isso não vai acontecer.

O Robésio já explicou como há segurança para atendimento aos estádios. Agora, para atendimento à cidade como um todo, a gente gostaria de chegar com a segurança máxima prevista pelas distribuidoras. Alguns pontos, como por exemplo Porto Alegre tem três obras que a gente já sabe que não serão concluídas a tempo. Isso não quer dizer que haverá problema na cidade. A gente não acredita nisso, porque diversas outras obras estão sendo feitas e diversas medidas estão sendo adotadas. O atendimento aos estádios já está todo feito ou concluindo para alimentação dupla.

Então, tanto do ponto de vista de transmissão quanto de distribuição a gente não vê aumento de risco. Na verdade, uma redução muito grande de risco em relação ao nosso funcionamento do dia a dia.

Eu não sei se responde a sua pergunta, Deputado.

O SR. DEPUTADO CARLOS MAGNO - Sr. Presidente.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Edinho Bez) - Pois não. Deputado, eu só pediria brevidade, porque estourou o tempo e irá iniciar outra reunião aqui com outro assunto.

O SR. DEPUTADO CARLOS MAGNO - Eu só gostaria de fazer uma pergunta para o Robésio. Nós temos cinco empresas federalizadas, não é isso?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. DEPUTADO CARLOS MAGNO - É, o Grupo ELETROBRAS. Cinco empresas?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. DEPUTADO CARLOS MAGNO - Bom, parece que você não está podendo. Então, eu não vou nem fazer a minha pergunta, porque vai te causar...

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. DEPUTADO CARLOS MAGNO - Gostaria apenas de saber se o atendimento que essas empresas têm recebido é em decorrência do prejuízo que elas têm dado para o sistema.

Por exemplo, essas empresas estão sendo administradas, apesar de estarem em Rondônia, no Norte, no Nordeste, pelo Rio de Janeiro. A pessoa está no Rio de Janeiro, distante quase 3 mil quilômetros do problema. Então, está difícil tocar. Esse entendimento é pelos resultados pífios, é questão de economia? A gente sabe que essas empresas pegaram um mobilizado praticamente destruído e estão tendo que construir novamente. Tem um atendimento diferenciado, muito ruim.

O SR. ROBÉSIO MACIEL DE SENA - Deputado, objetivamente, quanto a essa questão da gestão, em cada uma dessas empresas tem um diretor, pelo menos um diretor que fica lá, que é o diretor de operação. Eles montaram um esquema de videoconferência e têm contato contínuo com toda a diretoria da empresa. Tem sido feito um montante de investimento estupendo nessas empresas, porque elas estavam em condição ruim, continuam ainda abaixo, conforme a gente sabe, mas o esforço está sendo muito grande para tentar melhorar. Na minha opinião, acho que não é questão de não ter diretoria lá, é uma questão de tempo e de ações mais efetivas da empresa, o que está sendo feito. O Ministério tem acompanhado, a ANEEL tem acompanhado o desempenho.



Numa cidade como Manaus, por exemplo, têm sido feitos investimentos lá muito grandes. Agora, é preciso tempo para poder resolver, como em Brasília, que ficou muito tempo sem investimento. A CEB está fazendo um investimento estupendo, mas não consegue ter um resultado imediato. É preciso tempo. Isso está acontecendo no Piauí, em Alagoas, em Rondônia, no Acre, em Manaus. A ELETROBRAS está colocando muito dinheiro para tentar regularizar essa situação.

O SR. DEPUTADO CARLOS MAGNO - Sr. Presidente, obrigado pela oportunidade. Apenas gostaria de dizer que eles têm conhecimento. Nós estamos com um PL tramitando, já vai para aprovação, obrigando as futuras construções de barragens a teremclusas, por questão ambiental, e mesmo para baratear o custo de futuras necessidades das hidrovias.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Edinho Bez) - Consulto o Deputado Marçal Filho se deseja se manifestar.

O SR. DEPUTADO MARÇAL FILHO - Não, Sr. Presidente. Gostaria apenas de cumprimentá-lo pelo profícuo trabalho que V.Exa. vem fazendo à frente da nossa Comissão de Fiscalização, não deixando nenhum assunto de fora. Todos os problemas que surgem em nosso País vêm para a nossa Comissão de Fiscalização e são debatidos da forma mais democrática possível, ouvindo-se todos os lados. Isso é muito importante porque esse é um dos papéis preponderantes do legislador, do Parlamentar, que é fiscalizar, saber como as coisas estão andando, qual é o funcionamento que está sendo dado em relação à satisfação da população.

Temos debatido a questão da telefonia, da energia, todos os assuntos que dizem respeito diretamente ao povo. V.Exa., com maestria, vem conduzindo esta Comissão, não só nesta Casa, mas indo até os locais onde há essa necessidade, vendo *in loco*.

Portanto, gostaria, neste momento, de parabenizar V.Exa. e dizer que, após esta reunião, iniciaremos outra, que é sobre o transporte coletivo, o transporte público ser um direito social em nosso País, fruto de um alerta que foi feito pela população e de todas as manifestações que foram desencadeados em São Paulo, onde surgiu a proposta de emenda à Constituição da Deputada Luiza Erundina, que já se encontra presente. Nós vamos também debater esse assunto e nos debruçar sobre essa questão, que também é muito importante para o nosso País.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Edinho Bez) - Parabenizo V.Exa. também pelo trabalho e por ser um Deputado atuante, inclusive constantemente em discussão com este Deputado; cumprimento a Deputada Luiza Erundina também, que, sem sombra de dúvida, é uma das grandes Deputadas, além de outros Deputados atuantes nesta Casa. Temos orgulho de tê-la conosco no Parlamento brasileiro.

Complementando o que o Deputado Marçal Filho disse, precisamos responder à sociedade. Eu já fiz dois pronunciamentos e tive debates com a OAB no meu Estado, Santa Catarina. Parece-me que há muitas lideranças em todos os segmentos, principalmente as instituições democráticas, e incluo aí o Poder Judiciário, e parte não está levando em consideração as movimentações. Parece que já estão apagando da memória.

Não é possível! Há 3 anos venho dizendo aqui, nas palestras, nos pronunciamentos que o Brasil vai explodir. Nós não temos mobilidade urbana. Cheguei a dizer outro dia em tom de brincadeira, mas para chamar a atenção, que vou pedir que parem de fabricar carros, porque não há estrada, não há mobilidade urbana. Obviamente, não faremos isso porque tem outra dimensão. Mas disse para chamar a atenção.

Nós temos segurança pública no Brasil? Não temos segurança pública! A saúde é um caos. O Ministro veio à nossa Comissão, tem prestado excelentes informações. Houve realmente — temos que reconhecer — investimentos, comparando-se com os anos anteriores, mas muito aquém da necessidade. Tem algo errado! Nós temos que parar para conversar, refletir. Não foi por acaso que houve essas manifestações populares.

E pelo amor de Deus, vamos mudar o critério da escolha dos Ministros do Supremo Tribunal Federal! Vamos ter coragem, gente! Que é isso?! O Brasil pertence aos brasileiros! Não estamos respeitando os donos do País!

A coisa chegou ao limite. Por isso temos essas reuniões que estamos fazendo nas Comissões Especiais, de grande valia.

Vou me dirigir mais a dois Parlamentares presentes, Deputada Luiza Erundina e Deputado Marçal Filho, para encerrar a minha participação. Uma pessoa entrou em contato conosco e disse que o Congresso está desmoralizado. Eu liguei para



essa pessoa e conversei. Pelo fato de eu ter ligado, ela já estava satisfeita. Eu disse: *“Não, nós vamos trocar ideias. Eu gostaria que considerasse esta uma conversa íntima de dois amigos. Você dirá o que quiser para mim, e eu direi o que eu quiser para você, mas combinados nós dois.”* Ela bateu. Eu perguntei: *“Na sua visão, o que significa, o que é o Congresso Nacional?”* Ela balançou: *“Não sei”*. Eu respondi: *“Nós combinamos que a conversa seria íntima, não é? O Congresso Nacional é a tua cara”*. Aí ela perguntou: *“Como assim?”*, e eu respondi: *“Você conhece alguém da sua família que seja advogado?”* *“Ah, um vizinho nosso é advogado.”* *“Aqui tem vários advogados. Você conhece alguém, por exemplo, que seja médico?”* *“Imagine! O médico do meu filho e outros.”* *“Pois é, aqui tem vários médicos. Você conhece alguém que seja, por exemplo, dentista? Contador?...”* E fui citando. Ela conhecia todos, obviamente. *“A que religião você pertence?”*, eu perguntei. *“Eu sou católica.”* *“Aqui tem vários padres Deputados e Senadores. Você conhece alguém evangélico?”* *“A minha vizinha passou para a religião evangélica.”* *“Tem mais de 30 Deputados evangélicos. Então, a cara do Congresso Nacional é a cara da sociedade.”*

Nós temos que juntar tudo isso, fazer uma grande reflexão e dar um basta a muitas coisas que acabam denegrindo as inúmeras pessoas boas que estão em todos os segmentos, como há pessoas boas e ruins em todos.

Eu os parablenzo pela reunião que se seguirá. Estou sabendo do trabalho de V.Exas. para a mobilidade urbana, que é um caos.

Outro dia, Deputada Luiza Erundina, no seu Estado, São Paulo, eu fui participar de um debate na televisão. Estava marcado para 22 horas — seria de uma hora e pouco aquele debate — e cheguei às 18 horas no Aeroporto de Congonhas. Por 10 minutos eu perco o debate, porque eu levei esse tempo todo para chegar. A pé seria muito mais rápido do que de carro, de táxi, na cidade de São Paulo. Sobre essas coisas nós temos que parar e refletir, buscar alternativas. Desculpem o desabafo, mas é, acima de tudo, para parabenizá-los pelo trabalho.

Agradecemos aos nossos convidados por terem vindo prestar excelentes esclarecimentos. Tiraram dúvidas. Encerro a reunião satisfeito com o que os senhores informaram. Obviamente, ninguém pode garantir energia elétrica em



100%, porque ela é contínua, não tem estoque. Mas gostei muito dos esclarecimentos de S. Exas.

Muito obrigado.

Está encerrada esta audiência pública.